

# ESPORTE, EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO INFANTIL:

## ESTABELECENDO NOVOS DIÁLOGOS\*

BRUNA DIAS NASCIMENTO

Acadêmica do curso de Educação Física UFSC

VIVIAN C. P. VASCONCELOS

Acadêmica do curso de Educação Física UFSC

Ms. MICHELLE CARREIRÃO GONÇALVES

Mestre em Educação pela UFSC

Membro e Bolsista de Apoio Técnico (CNPq) do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq)

**Resumo** | O presente texto trata de uma experiência de estágio em Educação Física na Educação Infantil. A pergunta pelo que ensinar levou-nos a trabalhar o conteúdo *esporte* com crianças entre 5 e 6 anos de idade. Como abordá-lo, tanto no que diz respeito ao método (como fazer), quanto aos conhecimentos (o que ensinar), foi um constante desafio. A experiência leva-nos a crer que conteúdos *tradicionais* da disciplina Educação Física – em que o esporte é um grande exemplo – não devem ser esquecidos ou deixados de lado na educação dos pequenos, pois cabe a nós professores apresentar às crianças a diversidade de movimentos e materiais historicamente criados e culturalmente desenvolvidos que integram a cultura corporal de movimento.

**Palavras-chave** | Educação Física; Educação Infantil; esportes.

---

\*. Agradecemos a leitura atenta e contribuições fraternas de Ana Cristina Richter.

## INTRODUÇÃO

Uma das características da Educação Infantil (que atende crianças de 0 a 5 anos) da Rede Pública de Ensino de Florianópolis é a presença da disciplina Educação Física desde 1982. Sua inserção nas creches e NEI's<sup>1</sup> justificou-se, entre outras coisas, por dois principais argumentos: pela relevância da atividade física nessa etapa da “escolarização” e pela carência da figura masculina (paterna) por parte de muitas das crianças frequentadoras desses ambientes, que poderia ser suprida, pensava-se, pela contratação de professores homens responsáveis por essa disciplina (SAYÃO, 1996).

Apesar de presente há quase trinta anos na Educação Infantil de Florianópolis, a Educação Física depara-se ainda com uma série de indefinições sobre seu papel (SAYÃO, 1996), seu lugar e sua importância na educação dos pequeninos: ensaiar números para festivais e datas comemorativas, “quebrar o galho” na falta de professores, tratar de defasagens motoras necessárias à alfabetização, realizar atividades recreativas, organizar festas e gincanas, entre outras atividades. Mas mesmo com tantas incertezas, o debate e os estudos acerca da especificidade da área ampliou-se e intensificou-se a partir da década de 1990. O resultado foi a elaboração das Diretrizes Curriculares para Educação Física no Ensino Fundamental e Educação Infantil (1996), construído por um grupo de estudos composto por professores da Universidade Federal de Santa Catarina e da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF).

Mais recentemente, os estudos relacionados à Educação Física na Educação Infantil em Florianópolis têm se aproximado dos princípios da *pedagogia da infância*<sup>2</sup>, perspectiva que busca romper com modelos

- 
1. Núcleos de Educação Infantil que atendem crianças a partir dos 3 anos de idade (meio período), diferentemente das creches que atendem crianças desde o berçário (meio período ou período integral).
  2. Segundo a Pedagogia da Infância, “o aspecto cognitivo privilegiado no trabalho com o conteúdo escolar, no caso da educação infantil, não deve ganhar uma dimensão maior do que as demais dimensões envolvidas no processo de constituição do sujeito-criança, nem reduzir a educação ao ensino. [...] Na educação de crianças menores de 6 anos

escolarizantes na pequena infância, criticando a fragmentação do tempo e do conhecimento na educação de crianças de 0 a 5 anos. A partir desse olhar, a Educação Física passa a ser criticada como disciplina escolar que desconsidera as necessidades e os interesses das crianças, além de não respeitar o tempo de aprendizagem delas, ao determinar quando começam e terminam as aulas, e ao trabalhar os conteúdos de forma fragmentada<sup>3</sup>.

O que se coloca então atualmente na Educação Infantil da Rede de Florianópolis, no que concerne à Educação Física, é a presença de formas de trabalho diferenciadas, algumas pautadas pelo que conhecemos tradicionalmente como aula de Educação Física (com aulas três vezes por semana, de 45 minutos, com enfoque na psicomotricidade e no desenvolvimento motor, por exemplo), enquanto outras tentam romper com esse modelo, num movimento de aproximação da Pedagogia da Infância (adaptando o tempo dos encontros, podendo ser metade de um turno ou um turno inteiro, com uma ou mais turmas de diferentes faixas etárias, trabalhando com projetos em parceria com a professora regente, por exemplo).

É a partir desse contexto, de muitas dúvidas e inovações, que relatamos nas próximas páginas uma experiência de estágio em Educação Física<sup>4</sup> em

---

em creches e pré-escolas, as relações culturais, sociais e familiares têm uma dimensão ainda maior no ato pedagógico. Apesar do compromisso com um “resultado escolar” que a escola prioriza e que, em geral, resulta numa padronização, estão em jogo na Educação Infantil as garantias dos direitos das crianças ao bem-estar, à expressão, ao movimento, à segurança, à brincadeira, à natureza, e também ao conhecimento produzido e a produzir” (ROCHA, 1999, p. 63-64).

3. Um importante elemento nesse cenário é o Grupo de Estudos Independente dos Professores e Professoras da Educação Física da RMEF, formado em 2004. O grupo tem por objetivo aprofundar discussões referentes a uma série de impasses que se colocam nos debates em torno da legitimidade da Educação Física na Educação Infantil, além de ampliar debates e encaminhamentos que possam indicar possibilidades de uma prática pedagógica articulada com as discussões da Pedagogia da Infância.
4. A Prática de Ensino em Educação Física Escolar (atual Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar) da UFSC ocorre na 6ª e 7ª fases, sempre em instituições públicas de ensino. Os alunos/estagiários são supervisionados pelo professor da disciplina, bem como pelo professor de Educação Física da instituição. A disciplina configura-se da seguinte maneira: num primeiro momento os alunos são preparados

uma instituição pública de Educação Infantil de Florianópolis que, apesar de não estar vinculada à Rede Municipal de Ensino, também conta com professor dessa disciplina há mais de uma década, sendo que este (assim como a instituição de modo geral) procura trabalhar a partir da Pedagogia da Infância, buscando novas alternativas no trabalho com os pequenos.

## O ESPAÇO E OS ATORES DA EXPERIÊNCIA

A experiência de ensino que ora relatamos se deu em uma instituição pública de Educação Infantil, que atende crianças entre 0 e 6 anos, nos períodos matutino e vespertino, divididas em 24 grupos<sup>5</sup>, 12 por período.

Nesse ambiente trabalham professoras regentes<sup>6</sup>, auxiliares de sala<sup>7</sup>, coordenadoras pedagógicas (duas, uma responsável por cada período), enfermeira e técnica em enfermagem<sup>8</sup>, diretora, professora de arte-educação, professor de Educação Física, além de funcionários responsáveis pelo serviço administrativo, de limpeza e de alimentação<sup>9</sup>.

---

para entrar na escola, estudando e debatendo literaturas condizentes com a realidade escolar que irão atuar (no nosso caso, textos sobre Educação Física e Educação Infantil); depois fazem uma primeira incursão na escola, conhecendo de forma mais genérica os espaços e atores institucionais por meio da *análise de conjuntura* (realização de observações do cotidiano da instituição, entrevistas com professores, supervisores etc. e análise de documentos, como PPP, planejamentos, entre outros); na próxima etapa, passam a observar mais diretamente a turma em que cada dupla irá atuar e elaboram o plano de ensino; por fim, há a intervenção. Além disso, vale destacar que, durante o período de observação e intervenção, são realizados, periodicamente, os pontos de encontro com todos os estagiários, momento de troca de experiências e reflexões sobre a prática pedagógica.

5. Os grupos são determinados pela idade das crianças, indo do grupo 1 ao 7. O número de crianças por grupo varia conforme a faixa etária, ou seja, grupos com crianças menores têm um número reduzido de crianças e vice-versa. Entretanto, nenhum grupo dessa instituição tem mais que 15 crianças.
6. Todas são mulheres, por isso optamos por escrever *professoras*.
7. Cada grupo conta com uma professora e uma auxiliar. No entanto, quando o grupo tem a presença de crianças com histórico de deficiências, no geral há mais uma auxiliar para atendê-lo.
8. Essa instituição conta com um setor de saúde, coordenado por uma enfermeira. Esse setor é responsável por toda e qualquer questão relacionada à saúde das crianças, indo desde a manipulação de remédios e cuidados com possíveis ferimentos, até a organização de campanhas de vacinação.
9. Nesse ambiente a alimentação não é oferecida pela instituição, mas pelos próprios pais das crianças (que são responsáveis por, em média, uma vez por mês, levar o

O espaço físico é amplo e arborizado. Nele é possível encontrar três parques com brinquedos variados (balanços, escorregadores, casinhas de boneca, casa na árvore, trepa-trepa, entre outros), duas brinquedotecas onde as crianças podem pegar e manipular/interagir com brinquedos livremente, uma pequena biblioteca, auditório (com palco e recursos audiovisuais), uma cozinha experimental, uma sala de arte-educação, um setor de enfermagem, um pequeno campo de futebol e uma pequena quadra de vôlei e basquete, todos com medidas adaptadas ao tamanho das crianças (inclusive as traves, as tabelas e cestas, e os postes e rede de vôlei). Entre os materiais destinados à Educação Física, encontramos uma bola de basquete, arcos, bolas de meia, bolas de tênis, raquetes de frescobol, bastões, cordas de vários tamanhos, colchonetes, cavalinhos de pau, pernas de pau, jogos de tabuleiro, *steps* de madeira coloridos, carrinhos de madeira e tampinhas de garrafa PET.

O grupo com o qual trabalhamos era composto por dez crianças – seis meninos e quatro meninas – com idade em torno dos 5 anos e meio. Apesar de a alfabetização não ser uma preocupação nessa instituição, notamos que essas crianças já se encontravam em processo de alfabetização, sendo que a maioria já escrevia o próprio nome e identificava as letras do alfabeto. Era um grupo que se mostrava sempre muito curioso e receptivo para descobrir e conhecer coisas novas.

Passado o período de observação da turma e chegado o momento de planejamento das intervenções, nos indagamos: o que ensinar a essas crianças? Quais conteúdos e conhecimentos da Educação Física poderiam ser trabalhados com crianças tão pequenas? Seria possível abordar conteúdos tradicionais da Educação Física, num ambiente onde a crítica à escolarização tradicional e à fragmentação de conteúdos em áreas disciplinares se fazia presente? Mas, ao mesmo tempo, por que privar os pequeninos de experimentarem e conhecerem práticas corporais como o esporte, por exemplo,

---

lanche para todas as crianças do grupo, conforme cardápio preestabelecido por uma nutricionista), por isso não existem cozinheiras. Entretanto, há a presença das lactaristas, responsáveis pela organização dos alimentos trazidos pelos pais (há três lactários na instituição, onde essas pessoas trabalham), bem como pela limpeza da louça após as refeições.

conteúdo especialmente reconhecido e habitualmente abordado nas aulas de Educação Física? Será que há espaço para o esporte na Educação Infantil?

Com base nesses questionamentos, decidimos elencar o conteúdo *esporte* como central em nosso trabalho com aquelas crianças. Além disso, o conhecimento sobre o corpo e seu funcionamento também foi por nós privilegiado numa tentativa de estabelecer relações entre a prática esportiva e as alterações dela no organismo (os exemplos de como isso foi feito podem ser vistos a seguir, quando tratamos das intervenções).

## AS INTERVENÇÕES

De forma geral, os encontros com as crianças obedeciam à seguinte dinâmica: num primeiro momento, ainda em sala, o tema abordado era o corpo humano e sua relação com os esportes (os principais órgãos trabalhados nessa relação foram o coração e o pulmão<sup>10</sup>); depois ocorria a apresentação do esporte que seria abordado no dia, também em sala; feito isso, as atividades planejadas tendo como tema o esporte eram desenvolvidas nos diferentes espaços da instituição; e, por fim, as crianças, juntamente com as estagiárias, realizavam uma conversa final referente ao encontro (o que viram de novo, o que sentiram, como foi a experiência, entre outros elementos). Os esportes trabalhados foram: o atletismo, a ginástica artística, esportes com bola (handebol, futebol, basquetebol e voleibol) e alguns esportes aquáticos.

### Esportes com bola:

A intenção ao trabalhar com os quatro esportes com bola mais tradicionais – handebol, futebol, basquetebol e voleibol – era mostrar às crianças alguns elementos básicos de cada uma das modalidades, como

---

10. O hormônio do crescimento, bem como a importância de determinados nutrientes e vitaminas para o desenvolvimento saudável do corpo também foram assuntos de alguns encontros, mas aqui privilegiaremos o coração e o pulmão, pois foi possível estabelecer uma melhor relação desses órgãos com o esporte, junto com as crianças.

por exemplo, seus instrumentos, seus objetivos e a forma peculiar de se jogar em cada caso.

Para isso, foram utilizados os seguintes espaços: o minicampo de futebol, onde foram trabalhados o handebol e o próprio futebol; a miniquadra de basquetebol; e outro espaço com terreno plano, onde foram colocados pequenos postes de plástico, com uma rede de voleibol presa a eles (um brinquedo industrializado). Além dos espaços, utilizamos como materiais bolas oficiais de cada uma das modalidades em questão.

Num primeiro momento, as crianças tiveram a oportunidade de conhecer os materiais específicos de cada jogo: no caso do futebol, o campo com suas marcações, as traves e a bola; no basquetebol, a quadra também com suas marcações (é importante lembrar que tudo está adaptado ao tamanho das crianças, inclusive a proporção das marcações e altura das traves, rede e tabelas) e a bola; no voleibol, os postes com a rede e a bola; e no handebol, as traves e a bola (nesses dois últimos casos, não foi possível trabalhar as marcações, por exemplo, pois os espaços utilizados foram adaptados). Todas puderam manusear cada bola, sentir suas dimensões, suas texturas, suas diferenças, enfim.

Feito isso, chegou a hora de explorar as formas de jogar cada esporte, utilizando seus respectivos instrumentos. As crianças separaram-se em quatro grupos e cada um se dirigiu a um espaço específico (o campo de futebol foi dividido ao meio e de um lado ficou a bola de handebol e de outro, a de futebol). O grupo que ficou no campo com a bola de futebol pôde explorar o chute com objetivo de acertar o gol, já as que ficaram com a bola de handebol, do outro lado, tinham também de acertar o gol, mas dessa vez utilizando apenas uma das mãos. As crianças que foram para a quadra de basquetebol experimentaram lançar a bola para o alto, tentando passá-la por dentro da cesta, de cima para baixo, o que causou um pouco mais de dificuldade devido ao tamanho e peso da bola. Já no caso do voleibol, o objetivo era passar a bola para o outro lado da rede, por sobre ela, utilizando as mãos. Com o tempo, os grupos iam trocando de estações, passando por todas as modalidades. Além disso, à medida que iam sentindo-se mais à vontade, as crianças eram incentivadas a jogar com os colegas, trocando passes antes de

arremessar, lançar, chutar ou passar a bola para a quadra oposta. Por fim, realizamos uma atividade com objetivo de perceber se as crianças haviam compreendido a relação entre as bolas, os espaços e as formas de jogar. Em círculo, viradas para fora dele e de mãos dadas, as crianças permaneciam cantando algumas músicas de roda. As bolas encontravam-se no interior do círculo. Quando um sinal era dado pelas estagiárias, as crianças tinham de pegar uma das bolas, ir até o espaço correspondente a ela mesma (campo, ou quadras) e fazer o movimento característico daquela modalidade (chute a gol, arremesso a gol, lançamento à cesta ou passe por sobre a rede).

Obviamente o objetivo não era ensinar a técnica perfeita de cada modalidade, mas sim mostrar às crianças que cada esporte tem sua particularidade, tanto no objetivo (fazer gol ou cesta, por exemplo), como nos movimentos. Que é muito diferente colocar a bola dentro da cesta no sentido de cima para baixo, do que o contrário. Que é mais difícil arremessar uma bola ao gol com apenas uma das mãos, do que com as duas. Que passar a bola por sobre a rede não é o mesmo que passá-la por baixo dela.

### **Esportes aquáticos e pulmões:**

Ao trabalhar os esportes aquáticos, aproveitamos a oportunidade para mostrar ao grupo os pulmões e sua função. O primeiro momento foi destinado a uma conversa sobre esse órgão tão importante de nosso corpo. Perguntamos às crianças se elas conheciam os pulmões, se sabiam onde eles se localizavam e o que faziam. Após esse diálogo inicial, mostramos figuras dos pulmões e indicamos sua localização em nosso corpo. Falamos também sobre a respiração e sua importância em nossas vidas. Uma das crianças comentou sobre os cuidados que se deve ter para não entrar água nos pulmões ao fazer natação<sup>11</sup>. A partir dessa fala, aproveitamos para entrar na questão dos esportes aquáticos.

---

11. As crianças desse grupo fazem aulas de natação em uma piscina localizada fora da instituição, em um projeto com estudantes de Educação Física de uma universidade pública localizada na cidade.



Ainda em sala, perguntamos se eles conheciam algum esporte praticado na água. Depois mostramos figuras de algumas modalidades aquáticas como surfe, nado sincronizado, saltos ornamentais, natação, remo, entre outros. Ao verem as figuras, as crianças diziam o nome do esporte, quando o conheciam, ou perguntavam o que era, no caso de não saberem.

O momento seguinte foi uma brincadeira de mímica. Cada criança retirava de dentro de uma caixa uma das figuras previamente apresentadas ao grupo. Depois, ela deveria fazer mímicas referentes ao esporte selecionado e o resto do grupo deveria adivinhar que modalidade era. A intenção era que as crianças comesçassem a se familiarizar com os movimentos específicos das diferentes atividades.

Como não contávamos com a presença de uma piscina<sup>12</sup> para o desenvolvimento da aula, tivemos de utilizar outro recurso: a imaginação das crianças. Assim, já na porta da sala, prontos para sair, fizemos com que elas imaginassem que toda a instituição era o mar e que, por isso, só poderíamos andar pela calçada, que era uma ponte. A intenção era levá-los para surfar no nosso “mar de fantasia”.

O local escolhido para a prática do surfe foi um dos parques da instituição, mais especificamente as gangorras, que se tornaram pranchas. Como havia três gangorras, era possível que três crianças surfassem por vez. Cada uma delas subia na prancha, com o auxílio das estagiárias, e tinham como objetivo ficar em pé sobre ela, equilibrando-se. Algumas crianças demonstraram medo e dificuldade em ficar em pé, enquanto outras estavam mais do que familiarizadas com a brincadeira. As crianças deitavam sobre a prancha, como se estivessem remando com o auxílio dos braços, subiam e colocavam-se no centro da gangorra, balançando-a de um lado para o outro, ora mais lento, ora mais rápido, causando um

---

12. A instituição tem uma pequena piscina, mas que é pouco utilizada devido às suas dimensões (cabe apenas uma criança por vez) e segurança, tanto no que diz respeito ao acesso das crianças (ela é cercada por grades), quanto à higiene, já que é preciso fazer sempre um controle da qualidade da água, o que exige uma dedicação que nem sempre é possível.

certo desequilíbrio no brinquedo, forçando-as a equilibrarem-se cada vez mais.

Depois do surfe, chegou a hora de “nadar na piscina”. Essa “piscina” ficava em frente ao auditório, em um espaço de piso. Ela foi dividida por cordas, que representavam as raias, algo que logo foi identificado pelas crianças. O grupo foi dividido em dois e a ideia era fazer um “revezamento *medley*”, em que cada um nadaria por vez, de forma diferente (de frente, de costas, de peito, enfim). O objetivo era mostrar às crianças que existem diferentes formas de nadar e elas percorriam a distância delimitada imitando os movimentos dos braços de cada estilo (*crawl*, costas e peito). Além disso, era necessário esperar o colega na borda da piscina (demarcada com colchonetes). Assim que ele tocasse o pé do companheiro que aguardava, este podia “mergulhar” e “nadar” até o outro lado.

Para finalizar, as crianças foram levadas até um “rio de águas revoltas” para “praticarem *rafting*”. Colchonetes foram dispostos um em frente ao outro, formando um barco. As crianças sentaram-se em fila, de pernas abertas, todas de frente para uma das estagiárias que ficou na “gerência” da atividade. Cada criança recebeu um pequeno bastão de madeira que simbolizava o remo. Os comandos eram dados por uma das estagiárias: remar para direita, remar para esquerda, mais lento, mais rápido, abaixar-se por causa da ponte, fugir do jacaré, enfim. Nessa atividade, apareceu a questão do trabalho em grupo, já que nesse esporte é preciso que todos remem juntos e no mesmo ritmo. Isso ficou aparente para as crianças quando elas começaram a bater com os remos uns contra os outros (o que atrapalhava o andamento da atividade), até encontrar um ritmo comum.

### **Atletismo e coração:**

A primeira aproximação com o atletismo deu-se por meio de figuras e fotos das diferentes provas que compõem essa modalidade, como corridas, saltos, arremessos e lançamentos, cada qual com suas especificidades (diferentes formas de correr, saltar e lançar, por exemplo).

Além disso, apresentamos às crianças outro importante órgão do nosso corpo: o coração. Assim como feito com os pulmões, num primeiro momento as crianças puderam contar o que sabiam sobre o coração para depois as estagiárias apresentarem novos elementos, sempre com a ajuda de recursos como figuras e, nesse caso, do estetoscópio. Foi explicado aos pequenos por que, ao fazermos atividades muito intensas, ficamos com a pele avermelhada e com coração acelerado. Todos puderam auscultar seu coração batendo normalmente, enquanto ainda estavam descansados.

Depois, as crianças foram levadas para rua para realizarem uma corrida de revezamento em volta da instituição. Foram apresentados a elas os princípios básicos de uma prova de revezamento: cada um corre uma distância com um bastão na mão, que deve ser passado para o colega seguinte que correrá a mesma distância, até completar o percurso. Latas de batata frita (um pouco mais compridas e finas que outras latas) foram utilizadas como bastão. As crianças percorreram o entorno da instituição, sempre respeitando o princípio de correr com o implemento nas mãos e passá-lo para o próximo colega ao fim de seu percurso. Terminada essa atividade, quando todos estavam bastante agitados, chegou o momento de auscultar novamente o coração e perceber quais as mudanças com relação ao início do encontro.

Num segundo momento, a pedido das crianças, trabalhamos as corridas com barreiras e obstáculos. A intenção era também explorar os princípios básicos dessas provas: correr tendo de transpor algum obstáculo no caminho. Para tal, foram utilizados diferentes objetos que serviram como obstáculos: cordas, arcos, garrafas e latas de diferentes tamanhos. As diferentes barreiras a serem transpostas exigiriam que as crianças dessem diferentes respostas, como saltar mais alto ou mais baixo, mais longe ou mais perto, por exemplo. Depois de correrem mais livremente passando por sobre os objetos, as crianças, duas a duas, experimentaram correr juntas, em uma disputa, tendo de transpor as barreiras. Ou seja, era preciso ser rápido na corrida e também na transposição. Ao final, novamente as crianças auscultaram o coração.

A última atividade referente ao atletismo foi o salto em altura. Um colchão foi disposto no espaço e, inicialmente, as crianças pulavam, uma a uma, livremente no colchão, da forma como mais lhe agradava. Variações foram acontecendo, como saltar em duplas ou em trios, por exemplo. Mais tarde, novamente sozinhos, cada um teve de saltar por sobre uma corda, evitando tocá-la. A altura inicial era baixa, mas no decorrer da atividade ela foi aumentando, assim como a dificuldade. O objetivo era correr uma pequena distância para saltar, já que a velocidade da corrida auxilia na impulsão. Dessa vez, assim como nas outras, a intenção era mostrar às crianças os elementos básicos de cada prova trabalhada, sem preocupações com o aprimoramento técnico exigido em cada uma delas.

### **Ginástica artística:**

A experiência com a ginástica artística foi a que mais se aproximou da realidade do esporte institucionalizado, pois, depois de feita uma conversa inicial em sala sobre a ginástica e suas provas, as crianças foram levadas até um ginásio que continha aparelhos dessa modalidade: cavalo com alça, trave de equilíbrio, minitrampolim, cama elástica e tablado para as provas de solo. O ambiente diferenciado instigou a curiosidade das crianças e motivou-as para a realização das propostas.

Elas experimentaram andar sobre a trave de equilíbrio, sozinhas ou com auxílio das estagiárias<sup>13</sup>; subir no cavalo com alças e brincar sobre ele (em pé ou sentadas, sozinhas ou com mais um ou dois colegas); saltar do minitrampolim para subir em um colchão de mais de um metro de altura; fazer estrelas e rolamentos sobre o tablado, percebendo que ele também tem molas e que, por isso, amortece as quedas; saltar na cama elástica, individualmente, com o auxílio de uma estagiária, explorando diferentes formas de saltar (ajoelhando, sentando, deitando na cama).

---

13. É importante ressaltar os cuidados com a segurança. Em todos os aparelhos, foram colocados colchões para amortecer possíveis quedas. Além disso, a presença dos adultos em cada estação foi de fundamental importância para a organização e realização das atividades, tanto no apoio quanto na orientação das crianças.

Muitos dos movimentos realizados pelas crianças nesse dia, como equilibrar-se, saltar ou fazer rolamentos, já eram conhecidos delas. Entretanto, explorá-los em um ambiente diversificado, utilizando os equipamentos oficiais da ginástica, possibilitou às crianças dar um novo significado a eles, além de favorecer uma aproximação aos objetos que compreendem essa modalidade.

## **AFINAL, HÁ ESPAÇO PARA O ESPORTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL?**

Ao término de nossa pequena e breve experiência de estágio numa instituição de Educação Infantil, após muito ouvir e ler<sup>14</sup> sobre a importância da brincadeira no trabalho com as crianças pequenas, bem como tomar conhecimento da crítica feita ao modelo tradicional de escolarização e disciplinarização (crítica na qual a Educação Física também é alvo) nesses ambientes, observamos que os conteúdos clássicos da Educação Física, dos quais o esporte é um grande exemplo, não devem ser esquecidos ou deixados de lado. É claro que a forma de abordá-los, tanto no que diz respeito ao método (como fazer), quanto aos conhecimentos (o que ensinar), deve ser compatível à faixa etária em que os pequenos se encontram. Cabe ao professor avaliar as possibilidades de intervenção presentes em seu local de trabalho. Por que não experimentar?

Apesar das inúmeras indefinições que se colocam no âmbito da Educação Física, parece-nos importante considerar a fatuidade de apresentar às crianças a diversidade de movimentos e materiais historicamente criados e culturalmente desenvolvidos que integram a cultura corporal de movimento, uma vez que, em se tratando de *educação* (infantil), nos cabe, como professores, promover situações pedagógicas intencionais e favorecer experiências formativas que envolvam a expressão das múltiplas linguagens infantis, que incluam formas de se relacionar consigo mesmos, com o outro, com os materiais, com os tempos e os espaços e, sobretudo, que apresentem as produções culturais da humanidade.

---

14. Rocha, 1999; Sayão, 1996, 2002a, 2002b.

## REFERÊNCIAS

GRUPO DE ESTUDOS AMPLIADOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. *Diretrizes curriculares para a Educação Física no Ensino Fundamental e na Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis-SC: registro da parceria NEPEF/UFSC-SME/Florianópolis, 1993 a 1996*. Florianópolis, 1996.

ROCHA, E.A.C. *A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia da educação infantil*. Florianópolis: CED/NUP/UFSC, 1999, 290 p.

SAYÃO, D.T. *Educação física na pré-escola: da especialização disciplinar à possibilidade de trabalho pedagógico integrado*. 169f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

\_\_\_\_\_. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 23, n. 2, p. 55-67, jan. 2002a.

\_\_\_\_\_. Infância, prática de ensino de educação física e educação infantil. In: VAZ, A.F.; SAYÃO, D.T.; PINTO, F.M. (Orgs.). *Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de educação física*. Florianópolis: EDUFSC, 2002b.

**Recebido: 29 mar. 2009**

**Aprovado: 2 abr. 2009**

**Endereço para correspondência**

**Michelle Carreirão Gonçalves**

**Rua Bartolomeu de Gusmão, 280 – Carianos**

**Florianópolis - SC**

**CEP 88047-520**

**michelle\_carreirao@yahoo.com.br**